

'Você pode parar de usar droga'

70

JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Davi Zocoli

Ex-menino de rua e ex-viciado, hoje é instrutor em escola

Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade. O trecho da música de Raul Seixas transformou-se no lema de Rondinele Saraiva Souza, 20 anos, instrutor recém-contratado da oficina de arte circense da Escola do Parque. O trabalho, assim como a conclusão do primeiro grau na Escola e o ingresso em um curso de auxiliar de enfermagem, são as primeiras recompensas que ele recebe por sua força de vontade. Hoje, já pode usar o verbo no passado: "Eu fui um menino de rua".

O drama de Rondinele começou aos 12 anos, quando precisou ir para a rua trabalhar para sustentar a família. "Acabei conhecendo uns garotos, me enturmando e passei a usar drogas". Em pouco tempo, ele tinha experimentado tudo: cola, tiner, maconha, haxixe, cocaína. Para sobreviver, aproveitava o conhecimento adquirido na escola antes de abandonar os estudos. "Como eu tinha um certo grau de informação, era fácil tirar os policiais de tempo (enganá-los)", conta. "Quando eu era pego e fichado, nunca dizia meu nome de verdade, inventava outros para confundí-los. Assim, nunca tinha passagem pela polícia".

Mudança

Depois de quase dois anos vivendo na rua, roubando e se drogando, um professor convidou-o para participar de uma escola do circo. Na época, um projeto organizado pelas secretarias de Estado, o Gran Circo Lar recolhia os meninos de rua para que exercessem atividades de integração. "Eu logo me interessei. E como uma kombi vinha nos buscar todo dia, acabei freqüentando a escola e aprendendo as técnicas de circo", declara.



RONDINELE: Depois de viver na rua, roubar e se drogar, descobriu a paixão pelo circo e o violão

A arte circense e o violão, paixão descoberta pouco tempo depois, tiveram uma influência essencial para que ele desejasse mudar de vida. Com o fim do Gran Circo Lar e a inauguração da Escola de Meninos e Meninas do Parque da Cidade, Rondinele voltou a estudar e conseguiu concluir o primeiro grau. Ele foi um dos três meninos de rua que se formaram na escola em 1997. "As pessoas acham que usar drogas é como pular de pára-quedas, entrou não tem mais volta, mas você pode parar", afirma. "Com força de vontade, fé em Deus e apoio de pessoas como os professores da Escola, a gente consegue sim", garante.

Hoje, Rondinele reestruturou sua vida e está cheio de planos para o futuro. Namorando há três anos e meio com Elaine

Melo, que também concluiu o primeiro grau na Escola, ele pretende estudar mais — "Quero fazer Medicina e me dedicar à música" —, continuar trabalhando e formar uma família. Da rua, ele traz uma lição de vida. "A rua me ensinou que a gente sempre tem algo a perder, que não podemos jogar tudo para o alto", ensina. "O jovem está sendo burro quando acha que o legal é a adrenalina, o perigo. Emoção mesmo é estar bem, estar em paz consigo mesmo", completa.

Do ídolo Raul Seixas, de quem conhece todas as músicas, ele assegura ter muitas influências. "Raul tinha idéias revolucionárias, falava do sistema que te esmaga, dos preconceitos sociais, raciais. Sua música continua atual e atuante", explica.

"Acho que penso um pouco como ele, por isso o nosso trabalho no grupo afro é tão importante", diz, referindo-se ao trabalho de conscientização negra que realiza junto a entidades não governamentais na Candangolândia.

O trabalho no circo da Escola é uma chance de passar para outros meninos a experiência que o tirou da rua. "A rua é muito atrativa, então é importante que a escola tenha algo mais a oferecer do que apenas estudos. Dizer a um menino de rua apenas que vir para escola é bom não resolve. É preciso ter algo atraente e interessante para convencê-lo e o circo tem esse papel", ressalta.(P.L.)